

Regresso para o vazio

ELIANE CANTANHEDE

BRASÍLIA — Enfim, a explicação definitiva para o artigo que o ex-presidente Jânio Quadros escreveu na semana passada para o jornal O Globo: o manifesto parlamentarista de Jânio era presidencialista. Ao propor um plebiscito sobre sistema de governo já em 15 de novembro, juntamente com a eleição presidencial, ele estava tentando matar a tese do parlamentarismo sem lhe dar nenhuma chance de ressurreição nos próximos anos. O povo nem sequer sabe o que é esse tal de parlamentarismo. Muito menos poderia votar a seu favor.

A conclusão seguinte é a de que o ex-presidente não estava ajudando a puxar o tapete de um eventual governo Collor de Mello — como chegaram a supor lideranças do Congresso —, mas simplesmente recolocando seu próprio nome em evidência no cenário eleitoral. Jânio tem disponibilidade de espaços partidários: o PFL desestabiliza a campanha de Aureliano Chaves, o PTB inviabilizou uma coligação com o PDT de Leonel Brizola e os moderados do PMDB continuam indefinidos. A questão janista, contudo, é de espaço eleitoral, é de votos.

O governador Orestes Quércia ficou rouco de tanto dizer que não seria candidato. Ninguém acreditava, mas ele realmente não foi. Jânio já disse duas vezes que não será candidato. Os janistas não acreditam, mas ele não deverá ser mesmo. A diferença é que Quércia não titubeava e Jânio continua se divertindo com sua velha tática de confundir adversários e até os aliados.

Desde a pré-história da sucessão presidencial, quando os postulantes ainda se digladiavam para conquistar suas siglas, Jânio e os janistas trabalharam em três frentes: retirar Antônio Ermírio de Moraes do horizonte do PTB, desestimular Quércia de se lançar e garantir a vi-

tória de Aureliano na convenção do PFL, com a ajuda do governo federal, pois sabiam que não empolgaria o eleitorado. Agora, estas três obras estão concluídas e as mesmas fontes de antes tentam "corrigir" a última informação. Segundo elas, Jânio sempre quis realmente apoiar Aureliano e só disputaria se tivesse seu apoio. Sutil mudança de enfoque? Nem tanto.

Aureliano será eleito candidato do PFL, no domingo, com apoio e elogios públicos do mais novo filiado ao partido: Jânio Quadros. Até o prazo fatal de registro de candidaturas, 17 de agosto, a substituição de chapas só pode ser feita com uma nova convenção. Depois disso, entretanto, fica tudo mais fácil: basta Aureliano renunciar para que a Comissão Executiva Nacional do partido eleja seu substituto na campanha.

A executiva tem nove membros efetivos, quatro vogais e cinco suplentes, além dos líderes na Câmara e Senado. É, assim, muito mais permeável à ação das grandes lideranças do partido do que uma convenção com centenas de votos. Ali, na executiva, pesam mesmo os votos do presidente José Sarney, do ministro Antônio Carlos Magalhães e do próprio Aureliano. Se houver a eleição de um novo candidato, Sarney e Antônio Carlos não surpreenderão se votarem em Jânio, que poderá então cobrar o preço de seu apoio de agora a Aureliano.

Todas essas são conjunturas janistas, pois, como diz o líder do PTB, Gastone Righi, "Jânio está na moita, à espreita". As lideranças mais experientes do Congresso, contudo, estão absolutamente convencidas de que Jânio não tem a menor chance. Se estiverem certas, um outro velho amigo do ex-presidente admite que o discurso da moralidade e da autoridade que marcou a carreira política de Jânio já tem até três herdeiros potenciais: Aureliano, se se mantiver na disputa; Mário Covas, do PSDB; e Guilherme Afif Domingos, do PL.